

RELIGIÃO, DIÁLOGO E SOLIDARIEDADE

Gerson Lourenço Pereira¹

“Me leve pra qualquer lugar, onde Deus possa me ouvir”

(Vander Lee)

Introdução

Repartir algumas poucas linhas a respeito da relação entre religião, diálogo e solidariedade perpassa pelo caminho que em outro momento tive o prazer de trazer para reflexão nesta mesma revista: *o caminho da espiritualidade inter-religiosa* (PEREIRA, 2021), também fruto de uma das mesas da XI Semana da Cultura Religiosa. Dessa vez terei a oportunidade de compartilhar uma implicação prática do diálogo, feita pela experiência do coração, que é a ação solidária para o bem comum, como contribuição para a XII Semana.

Fiz uma opção metodológica para melhor entendimento desse assunto. Em primeiro lugar buscarei apresentar que conceito de religião consideraremos; em seguida, as bases para o diálogo inter-religioso, retomando algumas ideias que desenvolvi no artigo anterior; e, finalmente, a solidariedade como sinal desse diálogo.

Conceito de religião

Pergunta que não quer calar: O que é religião? Se o nosso propósito fosse respondê-la de forma completa, demandaríamos um tempo razoável sem chegar a uma conclusão definitiva. Por esse motivo nos limitaremos a buscar uma explicação no campo conceitual, dentro do tema proposto.

Quando a gente se dispõe a explicar o conceito de religião, o primeiro problema é sua aplicação às expressões de fé e espirituais de todas as matrizes, incluindo as orientais. Ocorre que a ideia concebida é própria do Ocidente, encontrando algumas dificuldades de designação a tradições como a budista, por exemplo, que dentre os diversos segmentos existentes, alguns não se compreendem como religião.

O segundo problema é, mesmo considerando a natureza Ocidental do termo, o desafio de escolher uma entre as variadas abordagens existentes para o estudo do tema. De uma maneira bem simplificada, podemos dizer que há pelo menos duas formas de estudar a religião, sendo uma a abordagem **funcionalista**, que se ocupa em refletir sobre o papel social e cultural do fato religioso; a outra, que chamaremos aqui de **substancialista**, que considera o fenômeno

¹ Gerson Lourenço Pereira, Doutor em Teologia pela PUC-Rio, Bacharel em teologia, licenciando em Ensino Religioso e História. Confissão metodista, participante do Grupo de Estudos Místicos Moradas (PUC-Rio) e de Espiritualidade e Saúde Religares (UERJ). Autor de artigos e capítulos de livros, além de professor em disciplinas nas áreas do diálogo inter-religioso, ecumenismo, mística e espiritualidade, política e religião, ciência da religião e ensino religioso na rede pública de São João de Meriti. Participa e atua em debates e atividades acadêmicas envolvendo temas como fenômeno religioso, espiritualidade, religião e sociedade, diálogo inter-religioso e ecumênico, educação.

religioso como parte intrínseca da natureza humana em suas plurais manifestações, tendo a ver com a experiência do humano com esse fenômeno.²

Não entraremos nas discussões sobre a complexidade das formas de estudo, bastando estabelecer como aporte a segunda abordagem, **substancialista**, para o que pretendemos nesta reflexão. Assim, chamam a atenção as contribuições de três importantes pensadores: Rudolf Otto (1869-1937), Mircea Eliade (1907-1986) e Henri Bergson (1859-1941).

Otto, na consagrada obra *O sagrado*, procurando desvendar a estrutura essencial e o significado de toda experiência religiosa, descreve o elemento universal *numinoso*, o **sagrado**, como elemento não racional, presente *a priori* na consciência de todo gênero humano. (OTTO, 2007)

Seguindo a esteira de Otto, o estudioso romeno Mircea Eliade, trabalhou com documentos históricos, designando as manifestações religiosas como hierofanias, buscando decifrar a situação existencial e o significado religioso das mesmas. Em *O sagrado e o profano*, o autor apresenta “dois modos de ser no mundo” e a religião sempre implica a tentativa do homo religiosus de transcender o mundo relativo, histórico-temporal e profano, experimentando um mundo sagrado “sobre-humano” de valores transcendentos. (ELIADE, 1990)

Já o filósofo francês Henri Bergson (2005), contrapondo o conceito de *religião dinâmica* ao de *religião estática*, compreendeu ser o primeiro uma experiência da alma, dispensando o uso de uma linguagem verbal inteligível, cuja base é o *misticismo* (p. 172). Para ele, o *misticismo* se evidencia na união com a unidade da vida através da “tomada de contato e, por conseguinte, uma coincidência parcial do esforço criador que manifesta a vida. Esse esforço é de Deus, se não é o próprio Deus” (p. 201).

Pois bem, as ideias desenvolvidas pelos três, em perspectiva **substancialista** (*numinoso*, *hierofania* e *religião dinâmica*), se constituem a seiva para o diálogo e a visibilidade religiosa em sua face construtiva e solidária pelo caminho da experiência do coração, a experiência mística, lançando as bases para o diálogo inter-religioso nos termos a seguir.

Bases para o diálogo em profundidade

Partindo da perspectiva indicada, estabeleço como alicerce para o diálogo inter-religioso aqueles temas que pontuei, ao apontar para o caminho da espiritualidade inter-religiosa, no último artigo que compartilhei para este periódico.³

A concepção de uma espiritualidade inter-religiosa está atrelada à procedência nas experiências místicas não categoriais, para além das mediações conceituais que diversificam os

² Para melhor entendimento a respeito das formas de compreensão funcionalista e substancialista da religião, recomendo a leitura do segundo capítulo de HOCK, K. *Introdução à ciência da religião*. São Paulo: Loyola, 2010. P. 17-30.

³ Retomo aqui as ideias contidas na segunda parte do artigo PEREIRA, G. L. O caminho para uma espiritualidade inter-religiosa. In: *CREatividade – Revista da Cultura Religiosa – PUC-Rio*, ano 2021, n. 1, p. 51--52.

predicados da realidade misteriosa (CABRAL, 2016, p.31). Deus seria mais um vocábulo de designação dentre tantos como *Olorum*, *Vishnu*, *Tupã*.

Embora cada tradição particularize a forma de nomear essa realidade, gerando o distanciamento e dissenso inter-religioso; paradoxalmente uma aproximação poderá ocorrer na medida em que se avança em um nível relacional maior. Que nível seria?

Thomas Merton (1978) e Paul Tillich (2002) classificaram essa aproximação como comunicação feita em profundidade, identificada por Faustino Teixeira (2004) como potencializadora de um profícuo e enriquecedor diálogo.

Segundo Teixeira:

A experiência mística provoca necessariamente um aprofundamento de si, um despojamento e desapego que impulsionam o sujeito para a dinâmica da alteridade. Não é fácil atingir um tal desapego. Trata-se de um processo lento, complexo e permanente, que faz brotar uma atitude de abertura. (p.21)

Decorrente desse envolvimento com o mistério em profundidade, o humano em seu âmago é marcado por uma experiência que lhe dispõe a abertura para o diálogo, por promover a autocompreensão como ser de finitude, diante da mesma força vital, que o assemelha a outros inseridos em universos culturais e religiosos distintos.

Será a mesma experiência de acolhimento pelo mistério que poderá reverberar na acolhida despojada do seu semelhante em sua alteridade. Algo que transcenderá a objetividade dos dogmas particulares, vislumbrando-os como vias que culminarão ao mesmo ponto vital, nunca como os senões de distinção. Nesse ponto, utilizando-me de uma categoria pensada por Raimon Panikkar (2001), seria observado um passo a mais em direção à comunhão. Segundo ele, o diálogo **inter-religioso** se move no plano intelectual, da crença enquanto fórmulas dogmaticamente constituídas. Comungo aqui com sua proposta de ir além, estendendo esse diálogo ao **intra-religioso**, sendo uma forma de intercomunicação interior e aberta ao outro, capaz de atingir a dimensão profunda da fé. Essa experiência fomenta o que chamo de **espiritualidade do encontro**.

Panikkar, utilizando-se da metáfora do monte, também identificou na variedade de religiões diversos caminhos que conduzem para o cimo: inicialmente distantes e diversos, tendem a se reunir conforme se aproximam do cume. Partindo dessa imagem, poderíamos considerar que, muito embora cada qual siga o seu caminho em particular na mesma direção, há realidades refratárias que se apresentam às margens e, não raro, no meio do caminho.

Assim, a visibilidade do diálogo em profundidade, de forma inter(intra)-religiosa, ocorreria através das ações solidárias que fossem ao encontro dos sujeitos que sofrem as consequências de tais realidades. Essas ações são os pontos de intersecção entre os diversos caminhos que os peregrinos trilham na direção do cume da montanha. A isto denominarei com a **experiência do caminho**.

Vejamos no que consistiria a solidariedade, em si, como sinal desse diálogo.

Solidariedade como sinal do diálogo

Certas canções nos ajudam muito a entender o sentido de conceitos e ideias que desejamos transmitir. Em grande medida a poesia contida na linda música de Vander Lee é uma fonte de iluminação para compreendermos a solidariedade como visibilidade do diálogo inter-religioso.

Sabe o que eu queria agora, meu bem?
Sair, chegar lá fora e encontrar alguém
Que não me dissesse nada
Não me perguntasse nada também
Que me oferecesse um colo, um ombro
Onde eu desaguasse todo desengano
Mas, a vida anda louca
As pessoas andam tristes
Meus amigos são amigos de ninguém
Sabe o que eu mais quero agora, meu amor?
Morar no interior do meu interior
Pra entender por que se agridem
Se empurram pro abismo
Se debatem, se combatem sem saber
Meu amor
Deixa eu chorar até cansar
Me leve pra qualquer lugar
Aonde Deus possa me ouvir
Minha dor
Eu não consigo compreender
Eu quero algo pra beber
Me deixe aqui, pode sair
Adeus
(VANDER LEE, 2003)

Solidariedade tem muito a ver com a resposta para essa canção. Nos igualamos nas necessidades. A **espiritualidade do encontro**, retroalimentada na **experiência do caminho**, nos faz deparar com os que ficam à margem, em angústias e dissabores, desassistidos, excluídos...

Edson Fernando de Almeida (2006), demonstrando a tensão entre o *viver apático* e o *viver simpático*, evidencia o quão necessário é apreender a beleza da vida acolhendo a força misteriosa divina com motivação. Eu acrescentaria que a superação da apatia pela simpatia seria um passo na direção de um *viver empático*, ou seja, do envolvimento com a dinâmica da vida que afeta o outro.

A experiência em profundidade, que desperta a **espiritualidade do encontro** alimentada na **experiência do caminho** promove o envolvimento, a comunhão com os que sofrem, como no registro do Evangelho de João, quando com profunda empatia, Jesus demonstra sua tristeza pela morte do amigo Lázaro no menor versículo da Bíblia: “Jesus chorou” (Jo 11, 35). A propósito, essa era a passagem que meu avô, Luiz Neto Melo Pereira, conhecia de cor. Fora um homem

de poucas palavras, mas de profunda fé, demonstrando constantemente à espiritualidade da qual estamos nos referindo. Outros, pela vida de envolvimento com os que sofrem à margem e pelo caminho, são também plenos de fé e espiritualidade, tais como Padre Júlio Lancellotti, com o acolhimento dos sem teto; Shamsia Hassani, artista plástica afegã de tradição islâmica, que com suas pinturas denuncia o silenciamento e a opressão que as mulheres sofrem em seu país; Mãe Beata de Yemanjá (1931-2017), lalorixá do Candomblé, que enquanto viveu atuou na luta em prol dos direitos humanos à frente da ONG *Criola* e de movimentos pela liberdade religiosa na região da Baixada Fluminense.

Conclusão

Parafraseando Vander Lee: “onde Deus poderia ouvir aquele e aquela que sofre pelo caminho”? Melhor seria perguntar “em quem tais pessoas poderiam vê-lo e ouvi-lo?”. A potência do diálogo pela experiência, no caminho, molda a imagem do sagrado, divina, em referenciais de empatia e solidariedade entre homens e mulheres de coração aberto e sensível como meu avô, Shamsia, Padre Júlio, Mãe Beata... Assim, quem sabe, as bases do amor, justiça e paz sustentariam uma nova sociedade, protótipo de um novo mundo fraterno e acolhedor.

Questões para reflexão:

1. Há uma relação entre os conceitos desenvolvidos por Otto, Eliade e Bergson, a saber: *numinoso*, *hierofania* e *religião dinâmica*? Qual seria? É possível percebê-la na atualidade na convivência entre as tradições religiosas?
2. Seria possível um diálogo intra-religioso entre as tradições conhecidas no nosso País? O que seria necessário para o desenvolvimento de uma **espiritualidade do encontro**?
3. **A experiência do caminho** depende tão somente de pessoas de fé religiosa? Haveria possibilidade de ações solidárias conjuntas entre pessoas de fé religiosa e não religiosas?

Referências

- ALMEIDA, Edson Fernando. *Do viver apático ao viver simpático: sofrimento e morte*. São Paulo, Loyola, 2006.
- BERGSON, Henri. *As duas fontes da moral e da religião*. Coimbra: Almedina, 2005.
- CABRAL, A. M. *Fenomenologia da experiência mística: mística, anti-metafísica e existência à luz de Mestre Eckhart e do zen budismo*. Rio de Janeiro: Via Verita, 2016.
- ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- HOCK, K. *Introdução à ciência da religião*. São Paulo: Loyola, 2010.
- LEE, Vander. Onde Deus possa me ouvir. In: *Vander Lee ao vivo*, faixa 8, Indie Records, cd, 2003.
- MERTON, T. *O diário da Ásia*. Belo Horizonte, Veja, 1978.

OTTO, R. *O sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional*. São Leopoldo: Sinodal/EST; Petrópolis: Vozes, 2007.

PANIKKAR, R. *Il dialogo intrareligioso*. Assisi: Cittadella, 2001.

PEREIRA, Gerson Lourenço. O caminho para uma espiritualidade inter-religiosa. In: *CREatividade – Revista da Cultura Religiosa – PUC-Rio*, ano 2021, n. 1, p. 49-56.

TEIXEIRA, F. *No limiar do mistério: mística e religião*. São Paulo: Paulinas, 2004.

TILLICH, P. *Dinâmica da fé*. São Leopoldo: Sinodal, 2002.